



# A VOZ ROUCA

que não se cala

#10

f A Voz Rouca

## Donos de escolas querem enterrar a Convenção

### O que é a Convenção Coletiva?

A Convenção Coletiva de Trabalho é um acordo realizado entre o sindicato de trabalhadores e o sindicato patronal que estabelece regras para as relações de trabalho de uma categoria para além daquilo que é garantido pela CLT (ou aquém, depois da reforma trabalhista).

No caso dos professores do ensino privado, é ela que garante direitos como horariedade, recesso, piso salarial, participação nos resultados, entre vários outros. Nossa última convenção expirou em 28 de fevereiro e foi estendida até 28 de março, enquanto os sindicatos negociam os termos do novo acordo.

### Como podemos resistir?

Não podemos deixar que a patronal dite os termos da negociação. Com a força que os professores mostraram na paralisação de 28 de abril, estamos em condições de exigir mais. A assembleia realizada em novembro passado aprovou duas novas demandas: ampliação das licenças maternidade e paternidade e pagamento de hora-tecnológica. Poderíamos exigir outros pontos que faltam no acordo, como plano de saúde, e lutar pela inclusão dos demais trabalhadores da escola na mesma convenção coletiva, ampliando os direitos de todos os funcionários.

### O que está em risco?

No ano passado, o presidente do Sieesp (sindicato dos donos de escola) afirmou ser “radicalmente a favor das reformas” e contra a mobilização dos professores em defesa de seus direitos. No início das negociações deste ano, a entidade patronal deixou clara sua intenção de estender o espírito da reforma trabalhista para a Convenção Coletiva, o último obstáculo a uma precarização ainda maior do trabalho docente. Corremos o risco de uma séria redução de direitos, incluindo:

- fim da **garantia semestral de salários**;
- diminuição do **recesso escolar**;
- redução das **bolsas de estudo para os filhos** de professores;
- fim do **pagamento de janelas** e instauração da jornada de **trabalho intermitente**;
- instituição de **banco de horas** e compensação de feriados para não pagar **horas extras**;
- aumento da **duração da hora-aula** (reduzindo o salário);
- fim do pagamento do recesso em caso de demissão em dezembro;
- fim da proibição de **redução de carga e salários** sem o consentimento do professor.

Não podemos ficar de braços cruzados esperando as entidades chegarem a um acordo. Para fortalecer nosso poder de negociação é preciso se mobilizar em cada escola – só assim é possível pressionar os patrões. A presença de todos nas assembleias da categoria também é fundamental, afinal é o sindicato que negocia diretamente com a patronal.

Em muitos colégios os professores já marcaram reuniões para começar a preparar a luta e organizar pequenas ações de mobilização, como panfletagens e cartazes na sala dos professores. Onde não é possível se organizar abertamente, a estratégia tem sido se encontrar fora e conversar por grupos de WhatsApp.

# Jornada intermitente: e se a moda pega?

A jornada intermitente é uma das ameaças que espreita os professores do ensino privado após a reforma trabalhista. Se a Convenção cair, será possível ter carga de aulas diferente entre um semestre e outro, ou até entre uma semana e outra. Se a escola quiser focar no primeiro semestre em matemática e no segundo em português, está livre para reduzir a carga do professor. Ou pior: se a escola quiser, ela pode alternar uma semana focada em História e outra em Geografia! Preso a uma jornada irregular, o professor intermitente terá uma rotina desorganizada e dificilmente conseguirá completar sua grade com aulas em outro colégio. Sabemos que algumas escolas já fazem isso irregularmente, geralmente recorrendo a contratações como Pessoas Jurídicas. Se não nos organizarmos para resistir, a tendência é que se espalhe definitivamente. Até porque a intermitência parece se adequar perfeitamente às tendências da moda da educação: “aprendizagem baseada em projetos”, “currículo flexível”...



## MOBILIZE SUA ESCOLA E COMPAREÇA

**quinta 01/03** DEBATE "A CONVENÇÃO NA MIRA" com o advogado Gustavo Seferian  
19h na Casa do Povo (Rua Três Rios, 252 - metrô Tiradentes)

**sábado 03/03** ASSEMBLEIA DOS PROFESSORES DO ENSINO PRIVADO  
09h na sede do Sinpro (Rua Borges Lagoa, 208 - metrô Santa Cruz)

O Sinpro convocou uma assembleia sobre a contribuição sindical e diz que vai deixar a discussão sobre a Convenção só para o final. Precisamos comparecer em peso para garantir que ela seja debatida antes de tudo, aprovar uma contraproposta forte e reafirmar a defesa intransigente dos nossos direitos. Ao longo do próximo mês, esse assunto é o mais importante: o Sinpro tem negociações marcadas com a patronal nos dias 6, 13, e 20 de março, e é a nossa Convenção que estará em jogo.



## Rede estadual: caos na atribuição de aulas

Os professores eventuais que participaram da atribuição de aulas no Estado este ano enfrentaram uma situação humilhante. Por causa do fechamento massivo de salas e da precarização imposta pelo governo, a maioria saiu sem nenhuma aula, enquanto outros pegaram vagas em escolas muito distantes.



**Um caso de resistência.** Em Americana, mais de 300 professores contratados ficaram sem aula e protestaram – algumas professoras se acorrentaram e amarraram ao prédio da Diretoria de Ensino e só saíram ao conquistar um novo dia de atribuição.

“Qual o sentido de aglomerar um monte de professor embaixo do sol, sendo que não tinha ‘saldo de aulas’? Quer dizer, não tinha vagas a serem preenchidas. Mas eles só avisaram isso quando a gente chegou. Nas Humanas, alguns professores conseguiram encaixar um horário ou outro, mas teve áreas – Biologia, por exemplo – que eles mandaram as pessoas embora. Particularmente na E.E. Pe. Manoel da Nóbrega, no centro, não tinha banheiro! Estavam todos interditados. E a galera teve que ficar horas ali, sem estrutura nenhuma, para pegar uma merreca de aulas.”

“Cheguei na Sul 1 às 15h. Tinha um monte de professor amontado no pátio, uns com aparência jovem, outros mais velhos. A sensação era de completo alvoroço e desespero, muito barulho e um supervisor gritando no microfone, como num bingo, os nomes de uma lista para irem a uma sala. Logo escutamos: “Aulas de português zeradas!” Mais alvoroço e barulho, como numa feira. Professores saindo revoltados. Fiquei até as 23h na escola, vi gente sair falando alto, com raiva, mãos abandonando, chorando. Sai chorando também, foi humilhante, não consegui nada, os companheiros ali em maioria também não. Puxei assunto com um professor de História: ‘Estou há três anos nesse sufoco, tive que pegar três escolas super contramão pra conseguir completar minha carga. Todo ano me adoço nessa atribuição.’”